

Viva análise

Living analysis

GUILHERME PONCE¹

Resumo: Este trabalho problematiza a análise do vivo, partindo de uma percepção que faz imagem, matéria e movimento coincidirem. É possível então apreender como tais imagens compõem um plano de imanência no qual algumas delas eventualmente formam centros de indeterminação, o que as permitem enquadrar as demais imagens de acordo com interesses. Vemos então como esses centros não se reduzem à consciência humana, compondo uma linha de variação que passa por toda matéria. O nosso cérebro se apresenta então como grande modelo de como essas variações podem se dar, e até mesmo se desfazer. Por fim, tal análise é proposta como uma prática clínica, um esforço em nos desapegarmos das memórias longas rumo à percepção imediata da vida consciente, o que apresenta algumas reverberações no contexto terapêutico.

Palavras-chave: devir-molecular; percepção; plano de imanência.

Abstract: This work problematizes the analysis of the living, starting from a perception that makes image, matter and movement coincide. It is then possible to understand how such images compose a plane of immanence in which some of them eventually form centers of indeterminacy, which allow them to frame the other images according to interests. We then see how these centers are not reduced to human consciousness, composing a line of variation that passes through all matter. Our brain then presents itself as a great model of how these variations can occur, and even be undone. Finally, such analysis is proposed as a clinical practice, an effort to detach ourselves from long memories towards the immediate perception of conscious life, which presents some reverberations in the therapeutic context.

Keywords: molecular-becoming; perception; plane of immanence.

Introdução

Ao invés de discutir qual seria a mais adequada análise do vivo, proponho pensarmos maneiras de tornar viva qualquer análise. Para isso, há duas necessidades: uma análise viva não pode ter natureza diferente daquilo que ela analisa; alguma face de qualquer objeto de análise deve ser a própria análise sendo feita. Bergson, no primeiro capítulo de *Matéria e Memória*, propõe um universo em que matéria, imagem e movimento coincidem, devendo o leitor, através de um certo esforço, chegar num ponto em que sua percepção os conceba como sinônimos. Nesse sentido, a própria percepção do leitor deve passar a apreender sua própria

¹ Psicólogo clínico e pesquisador. Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4990-1495>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6598527568177002>. E-mail: guilhermedponce@gmail.com

materialidade. Essa solução é de interesse para qualquer tipo de análise do vivo, principalmente para uma psicanálise que pretenda reconectar as vidas humanas não só umas às outras, mas também às demais vidas. Não só isso, como também Deleuze e Guattari deixam transparecer que a única maneira de realmente nos conectarmos uns aos outros seria através de um plano de imanência que conecta e faz variar todo tipo de consciência, seja humana ou animal, seja simples ou complexa, seja orgânica ou inorgânica. O presente artigo propõe seguir esse esforço bergsoniano para chegar num determinado aspecto analítico que possa ser utilizado na prática clínica, compondo então este seu peculiar materialismo com a esquizoanálise. Para isso, passo pelo início da obra de Cinema de Deleuze que justamente faz essas duas perspectivas funcionarem juntas, ao propor que o primeiro capítulo da obra de Bergson produz um plano de imanência das imagens-movimento.

A vida anorgânica das imagens

No primeiro capítulo de *Matéria e Memória*, Bergson nos convida a seguir os movimentos da matéria a partir daquilo que dela também somos, a partir daquilo que, do mundo material em movimento, somos uma parte. Em nossa percepção, movimentos produzem imagem, enquanto que e em nossas ações voluntárias, imagens produzem movimentos. Nesse sentido, movimento já é imagem virtual, e imagem já é movimento possível (DELEUZE, 2018, p. 95). Logo, as imagens que contraímos da matéria em movimento devem ser sempre algo “a mais” que suas meras representações: são a própria matéria cujo movimento a coloca a relacionar-se com a própria matéria que nos povoa – “toda consciência é alguma coisa” (DELEUZE, 2018, p. 95 — *Grifos do autor*). Nossas percepções, quando tratadas pelo seu aspecto material, devem ser compostas da mesma coisa com as quais se conectam. Assim, Bergson propõe igualarmos as noções de matéria, imagem e movimento. O filósofo não acha possível opor movimento (como realidade física no espaço) a imagem (como realidade psíquica na consciência). Imagem-movimento é igual a matéria fluente (DELEUZE, 2018, p. 99). Onde pensamos em termos materiais, podemos pensar em termos de imagens. Assim como onde pensamos em termos de percepção, podemos também pensar em termos de movimento. Não

percebemos a matéria mover-se, mas na matéria movendo-se, pois que os esquemas sensórios que nos permitem perceber coisas em movimento também são compostos de movimento (movimentos moleculares da substância cerebral). A mesma frase pode ser então lida: não vemos imagens vibrarem-se, mas nas imagens vibrando-se, pois que nossos esquemas sensórios que nos permitem ver coisas em termos de vibração luminosa também são compostos da mesma vibração. Imagem aqui como intensidades variáveis de luz, vibração, percebida por esquemas visuais, auditivos, tácteis que também são compostos de luz, vibração – que também são imagens-movimento.

A diferença entre ver a imagem e ver na imagem não serve para ignorar o fato de que a primeira ação existe – certamente vemos *as* imagens. Mas podemos colocar esse fato como possível somente a partir do segundo. Existem representações, mas elas pertencem ao mundo das imagens, e não o contrário. As representações já são sempre, antes de tudo e a seu modo, matéria.

Portanto, devemos liberar as imagens do domínio exclusivo das representações. Estas são imagens sem movimento, ou melhor, cujo movimento só pôde ser inserido entre uma representação e outra de maneira homogênea, confundindo-se um trajeto singular com a trajetória descrita, um processo com o procedimento. Cujo movimento é sempre um mesmo “entre” vazio interposto, uniforme.

Já as imagens percebidas não representam a coisa, elas são uma face da coisa que interessa a um determinado corpo que a percebe. Uma coisa qualquer pode ser pensada como um conjunto de imagens. A algumas dessas imagens atribui-se movimento pelo corpo que percebe tal coisa, enquanto que outras imagens permanecem inertes por não serem partes de seu interesse. Obviamente, essas outras imagens, apesar de serem invisíveis ao corpo que observa a coisa, continuam existindo, e podem ser vistas, percebidas por outros corpos com os quais essa coisa também se relaciona.

Percebo uma pessoa que amo como um conjunto de imagens com as quais possuo relação, nada mais real que nossos encontros, nossas experiências juntos. Mas sei que faz parte dessa mesma pessoa uma vastidão de relações que excedem aquilo que dela percebo. Com ela partilho um pequeno conjunto de imagens, ao

mesmo tempo que não partilho de outros tantos. Ela é composta por ambos os tipos de conjuntos, de mundos. Além disso, lanço minhas projeções sobre ela, ou seja, aquilo em que a situo em termos de passado e que nela projeto em termos de futuro – como a represento, como espero que ela se comporte e se comportou. Comportamentos são sempre trajetórias tomadas como trajetos, movimentos uniformizados (objetivados) de acordo com expectativas subjetivas, são imagens separadas de seus movimentos heterogêneos (as reais relações entre as imagens) ao mesmo tempo que nelas são introjetados movimentos homogêneos (relações possíveis a partir da expectativa do observador). Eles atestam mais aos interesses dos observadores que à natureza dos movimentos. Contudo, a pessoa que amo é toda feita de imagens: os conjuntos de imagens que componho com ela; os conjuntos de imagens que ela compõe independentemente de mim (invisíveis para mim); as representações que se têm dela, que se formam a partir de interesses que nela projeto e projetam (inclusive ela mesma).

Bergson trata então de dois sistemas de imagens. Um relativo às singularidades dos conjuntos de imagens e outro relativo aos interesses que se formam a partir de uma certa imagem. O primeiro sistema diz respeito aos movimentos singulares entre as imagens (suas relações reais), o segundo ao movimento projetado (relações possíveis) pelos interesses de uma certa imagem que chamo de meu corpo. Todas as imagens estão, na mesma medida, em função desses dois sistemas. Toda imagem é, na mesma medida, uma imagem qualquer num conjunto de imagens que a excede, e uma imagem privilegiada, em função da qual todas as outras imagens variam na medida em que refletem sua ação possível (BERGSON, 2010, p. 20-1). Uma imagem qualquer varia (move-se, vibra) em função dela mesma (das imagens que a compõem como um conjunto de imagens, suas partes elementares) na mesma medida em que sofre a ação real das outras imagens. Já uma imagem privilegiada é aquela em função da qual todas as outras imagens variam (se movem, vibram) na medida em que refletem sua ação possível. Dois tipos de variação, de movimentos, um medido a partir das influências reais sob e sobre uma imagem qualquer, e outro medido a partir da ação possível (dos interesses) de uma imagem privilegiada em relação às outras.

Uma “imagem qualquer” não significa “tanto faz”, mas justamente o contrário: qualquer = singular. Se duplicarmos uma imagem, ela já é outra imagem, pois a relação entre as duas já forma uma terceira. Além disso, a segunda nunca é a mesma que foi a primeira. Sempre haverá uma diferença real entre cada imagem, ou como diz Bergson, um intervalo que as distanciam, uma duração que as diferem. Nesse sentido, tratar uma imagem como uma qualquer é percebê-la por sua singularidade, sua diferença real em relação a outras imagens. Enquanto que tratar essa mesma imagem como privilegiada é percebê-la como pretendendo algo, sua diferença *possível sobre* as outras imagens, mesmo que tal pretensão seja justamente fazer algo durar em termos de “meu corpo”.

Toda e qualquer imagem pode ser percebida como privilegiada. Mesmo que a todo momento diferindo de si mesma num processo em aberto (devido à sua primeira face, de imagem qualquer), uma imagem privilegiada procura algo que dure em sua existência orgânica, isso faz com se oponha ou se solidarize, mesmo que parcialmente, mesmo que seletivamente, tanto às singularidades, quanto às outras organicidades que a circundam.

396

As relações entre o orgânico e o anorgânico

Bergson pergunta: “quais são as relações que esses dois sistemas de imagens mantêm entre si?” Os dois sistemas de imagens se entrelaçam, mas nunca se reduzem um ao outro. Num conjunto de imagens, tratamos as imagens como quaisquer, mas quando falamos de corpos vivos, é porque passamos a tratá-las como imagens privilegiadas. Matéria é o nome que damos para o conjunto das imagens, enquanto que percepção da matéria é do que chamamos “essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem, meu corpo” (BERGSON, 2010, p. 17).

Um conjunto de imagem é um sistema acentrado onde cada imagem vale por si mesma, cujos efeitos são proporcionais às causas, e onde todas desenvolvem-se em “um caminho por onde passam em todos os sentidos as modificações que se propagam na imensidão do universo” (BERGSON, 2010, p. 33). Uma imagem qualquer é “o conjunto daquilo que aparece” (DELEUZE, 2018, p. 98), não se

podendo nem dizer que nesse plano uma imagem reaja sobre a outra, pois não há diferença entre o objeto móvel e o movimento executado. Nesse caminho (plano), “todas as imagens se confundem com suas ações e reações” (DELEUZE, 2018, p. 98), havendo somente consciência imediata (de direito, difusa em toda parte e que não se revela).

Já “o mundo da consciência”, (as consciências de fato), encontra-se “onde todas as imagens regulam-se por uma imagem central, nosso corpo, cujas variações elas acompanham” (BERGSON, 2010, p. 21). Um corpo é composto por diversas percepções, para as quais, “as mesmas imagens estão [agora] relacionadas a uma única entre elas, escalonando-se ao redor dela em planos diferentes e transfigurando-se em seu conjunto a partir de ligeiras modificações dessa imagem central” (BERGSON, 2010, p. 22). Cada um desses planos remete ao “mundo da consciência”, esta podendo ser percebida e medida pela diversidade e complexidade desses diferentes planos.

Nesse sentido, os dois sistemas (conjuntos de imagens; corpos) remetem a dois tipos de planos nos quais as imagens se relacionam na mesma medida: o plano material e os planos da consciência. O primeiro plano, de imanência, é o movimento *em si*, nele não havendo centros; os efeitos são determinados pelas causas; e todas as imagens se desenvolvem numa mesma linha de variação contínua – “é um estado demasiado quente de matéria para que nele distingamos corpos sólidos. É um mundo de variação universal, ondulação universal: não há nem eixos nem centro, nem direita nem esquerda, nem alto nem baixo...” (DELEUZE, 2018, p. 98-9). O segundo tipo de plano implica centros compostos por esquemas complicados; que fazem surgir uma hesitação entre os efeitos e as causas; numa multiplicidade de planos coexistentes. De um lado, plano uno e acentrado de múltiplas singularidades, material; de outro, múltiplos planos que formam centros conscientes, da consciência.

Bergson literalmente “usa o cérebro” para percebermos como esses dois sistemas (dos conjuntos de imagens, compostos de imagens quaisquer; e corpos, formados por imagens privilegiadas) se entrecruzam através de seus respectivos planos (o material e os da consciência). Quando observamos um cérebro, o que vemos é um conjunto de imagens cujos movimentos moleculares preparam a reação

de um corpo à ação dos objetos exteriores. Por um lado, num plano material entre imagens quaisquer, com seus múltiplos movimentos moleculares, uma quantidade enorme de elementos age e reage entre si. Percebemos o cérebro como uma gelatina rizomática, onde cada imagem que enquadrámos (como numa lâmina de microscópio) apresentará uma singularidade qualquer, como um tipo de colherada de um sopão cerebral, com suas cristalizações, ângulos, fluxos, passagens, redes... Por outro lado, essa confusão múltipla de imagens é o que percebemos como a preparação de um conjunto de reações possíveis de um corpo à ação dos objetos exteriores. Na mesma medida em que o cérebro é uma multiplicidade de movimentos singulares, o cérebro também é um entrelaçamento de ao menos dois planos específicos: “o cérebro nos parece um instrumento de *análise* com relação ao movimento recolhido e um instrumento de *seleção* com relação ao movimento executado” (BERGSON, 2010, p. 27 — *Grifos do autor*).

De um lado, o cérebro é pura matéria, um conjunto de imagens (plano material). De outro, ele serve como bússola, marcando a posição entre uma imagem privilegiada (meu corpo) em relação às imagens que o cercam (planos de análise, ou imagem-percepção, e plano de seleção, ou imagem-ação, que formam uma consciência).

Desse modo, em termos de matéria, a medula e o cérebro possuem um mesmo entrelaçamento entre os dois tipos de planos (plano de imanência da matéria e planos de especificação da consciência). Mas em termos de consciência, um só e mesmo plano de especificação faz com que a medula transforme as excitações em movimentos executados, enquanto que um cérebro possui ao menos dois planos específicos, que em conjunto, prolongam as excitações em reações nascentes (muitas vezes até inibindo a ação – poder de hesitar, de não agir, de *sentir*, que a medula não possui). Mas, apesar de possuírem diferentes quantidades de planos de especificação (reflexo, visão, audição, mãos, rosto, fala, pernas, digestão, respiração, etc.), medulas e cérebros partilham de um mesmo plano material, ambos advêm de uma mesma sopa cerebral, são diferentes formas de uma mesma substância cinzenta qualquer.

Há um desdobramento do plano material aos planos de consciência que nos faz separá-los em dois sistemas diferentes. Mas entre os planos de especificação (de

consciência) há sempre apenas uma diferença entre graus de complicação. Poderíamos fazer esse exercício com qualquer modo de existência, movermo-nos com as plantas, com os fungos, com uma cidade, com as hecceidades de uma sala de trabalho... percebendo-os, na mesma medida, em dois sistemas de imagens, com suas imagens quaisquer e imagens específicas. Mas o exemplo do cérebro é crucial para fazer desabar uma postura antropocêntrica em torno de nossas massas cinzentas humanas. Nenhuma dessas massas, seja cérebro ou medula, tem como *produzir* imagens, sendo elas também conjuntos de imagens cujos movimentos moleculares marcam a relação de meu corpo com as outras imagens. A matéria nervosa qualquer serve para: conduzir, compor mutuamente e inibir movimentos. Essa matéria é composta por movimentos moleculares com os quais nossa percepção varia (se move), “mas eles são inseparavelmente ligados ao resto do mundo material” (BERGSON, 2010, p. 20). Tanto na medula quanto no córtex, “os elementos nervosos não trabalham com vistas no conhecimento: apenas esboçam de repente uma pluralidade de ações possíveis, ou organizam uma delas” (BERGSON, 2010, p. 27).

399

O cérebro não é lugar exclusivo de fabricação de representações, não mais que qualquer outro tipo de aparelho de consciência que pudermos analisar. Ele recebe excitações; monta aparelhos sensório-motores (diversos planos de especificação); e apresenta o maior número possível desses aparelhos a uma excitação dada. Quanto mais o cérebro se desenvolve, “mais numerosos e distantes tornam-se os pontos do espaço que ele põe em relação com mecanismos motores cada vez mais complexos: deste modo aumenta a latitude que ele deixa à nossa ação, e nisso justamente consiste sua perfeição crescente” (BERGSON, 2010, p. 27). Ou seja, o cérebro não serve para conhecer, mas para marcar, preparar e inibir movimentos. E seu aumento de “perfeição” varia de acordo com o grau de complicação de sua rede. Por um lado, seu aumento de complicação não fará magicamente mudar sua simples função específica, de encurvar o mundo de acordo com os interesses de um corpo com uma maior ou menor capacidade de marcar, preparar e inibir movimentos. Mas por outro, ele é a expressão de uma substância cinzenta de mil singularidades afirmando-se todas na mesma medida, abrindo-se a relações com outras tantas substâncias e suas tantas partículas tão a-significantes quanto as suas próprias,

numa linha de variação contínua que liga todos os conjuntos de imagens possíveis em um mesmo plano de imanência que se propaga indefinidamente. Por um lado, cérebro é marcação, preparação e inibição de movimentos, mas nunca conhecimento; e por outro, na mesma medida, ele é e pode ser muito mais, menos o lugar exclusivo das representações.

Bergson coloca o cérebro numa série de diferentes graus de complicação para negá-lo o estatuto de detentor do conhecimento e das representações. “Se o sistema nervoso é construído, de uma ponta à outra da série animal, em vista de uma ação cada vez menos necessária, não caberia pensar que a percepção, cujo progresso é pautado pelo dele, também seja inteiramente orientada para a ação, e não para o conhecimento puro?” (BERGSON, 2010, p. 27). Ou seja, com sua orientação voltada para a ação, os movimentos moleculares do cérebro não nos colocam a conhecer o mundo, eles apenas acrescentam um grau de indeterminação na ação de nosso corpo.

Nenhum dos planos de especificação que compõem a série animal, mesmo os mais avançados na série, servem ao conhecimento sobre a matéria. A função desses planos é de aumentar o grau de indeterminação, tornar a ação cada vez menos necessária, fazer da reação um poder de ação. As ações mais complexas dos seres humanos só diferem das dos outros animais em termos de seu grau de indeterminação. Nossos interesses mais complexos são o que há em termos de mais indeterminado em nossa existência. Desse modo, a percepção como conhecimento puro é um postulado que “é desmentido pelo exame, mesmo o mais superficial, da estrutura do sistema nervoso na série animal. E não se poderia aceitá-lo sem obscurecer profundamente o tríplice problema da matéria, da consciência e de sua relação” (BERGSON, 2010, p. 24). A consciência ao mesmo tempo para de ser exclusiva do ser humano e se desprende de um estatuto de conhecimento.

Seguindo a série animal

Bergson segue o animal como uma série que vai de seu próprio corpo até a matéria inorgânica. Nesse caminho, avança e recua na série dos organismos para dela derivar uma percepção em movimento que liga todos os tipos de organismos

(com seus múltiplos planos de consciência). Isso nos permite experimentar a percepção como um fenômeno da matéria e *na* matéria. Ao invés de “documentário” sobre a evolução, o primeiro capítulo de *Matéria e Memória* serve como um tipo de Kino-olho, que acompanha o movimento da matéria “por dentro”, na medida em que nos força a perceber a matéria *na* matéria. O cérebro não nos serve “aqui” para documentar (conhecer) a matéria de fora dela, mas sim percebermo-nos como atravessamentos de sua continuidade: a série animal e mesmo a série humana como áreas quaisquer de um fluxo de matéria, de imagens. Nós humanos como conjuntos de imagens quaisquer num grande conjunto de imagens, e como animais quaisquer numa ininterrupta série animal, animalidade do universo.

Pensar o sistema nervoso como uma série de formas que possuem apenas diferença de grau nos provoca a abstrair o animal e seus diversos planos de consciência, e analisá-lo por dentro de uma única série cuja variação (movimento) excede qualquer uma de suas formas específicas, inclusive a consciência humana. Nós humanos devindo um rizoma animal, formando linhas quaisquer de um grande animal cósmico, é a única maneira de produzir uma análise viva da consciência. Perceber-se no cosmo como um imenso animal que com ele, nele, somos, com toda sua história de territorializações e seus intempestivos devires desterritorializantes. Que não “começa” nem nos cordados, nem “acaba” nos humanos. Que deve ser pensado a partir de começos arbitrários, e finais inclusivos, advindo desde a constituição de qualquer cosmo, ou melhor, de cosmos quaisquer (inclusive a própria matéria astral como grande massa cinzenta) estendendo-se ao que vier além da substância orgânica, mesmo a humana.

Nesse cinema “viertoviano”, Bergson nos faz passar pelo progresso da percepção desde a monera aos vertebrados superiores. A “matéria viva”, nas moneras, começa já irritável e contrátil, prolongando imediatamente o estímulo recebido em movimento realizado. Nesse momento da linha “evolutiva”, a percepção partilha dos mesmos mecanismos da ação. Mas “à medida que avançamos na série dos organismos, vemos o trabalho fisiológico dividir-se. Células nervosas aparecem, diversificam-se, tendem a agrupar-se em sistema” (BERGSON, 2010, p. 25). Os animais passam a reagir por movimentos cada vez mais variados à excitação exterior. Ao invés da emissão de resposta coincidir com a recepção do estímulo, este transmite

ao organismo as modificações ambientais, não mais determinando sua reação imediata a elas, mas permitindo-o preparar uma ação.

Assim como na série do sistema nervoso, numa série animal percebemos que o aumento de riqueza da percepção coincide com o aumento de “indeterminação deixada à escolha do ser vivo em sua conduta em face das coisas” (BERGSON, 2010, p. 27-8). É da indeterminação que podemos deduzir a possibilidade da percepção consciente (o inconsciente fica então por parte daquilo que chamaremos de desejo, relativa ao plano de imanência da matéria). “Essa percepção aparece no momento preciso em que um estímulo recebido pela matéria não se prolonga em reação necessária” (BERGSON, 2010, p. 28), pois passa por um sistema complicado de movimentos moleculares que permite àquilo que denomino “meu corpo” a não somente reagir de modo reflexo, permitindo-o agir de modo editado (como é possibilitado às imagens no cinema clássico). Quando me percebo pelo sistema das imagens, me concebo como matéria; quando me percebo pelo sistema da consciência, me concebo como pura indeterminação (planos de composição, estratos e suas linhas segmentárias, processos de especificação). Um sistema não deve reduzir-se ao outro, assim, como pode uma percepção qualquer sempre passear entre ambos, em diferentes agenciamentos da matéria (desejos) e graus de indeterminação da consciência (interesses).

Podemos pensar que não só a medula, mas também os cérebros mais complicados preservam sua corporeidade. Pois ela é sempre composta a partir de um plano de consistência, sopa de pequenas imagens que chamamos de neurônios, as quais tensionam entre si um rizoma complexo de organismos simples. Somos sempre uma matilha de moléculas que agem e reagem entre si, (aspecto inorgânico imanente a cada imagem, que nos escapa quando tomada por privilegiada) formando organismos percipientes e interessados (aspecto orgânico imanente a todas as imagens, que nos escapa quando tomadas por quaisquer). Nesse sentido, o desejo é sempre inorgânico, molecular e de matilha, enquanto que o interesse é seu verso animal, molar e de organismos. Todo animal é povoado por uma matilha, assim como uma matilha qualquer pode vir a formar uma nova espécie, uma nova maneira de existir. Todo organismo pressupõe uma matilha de partículas larvares que ele ao mesmo tempo é. Todo eu pressupõe uma matilha de eus em diferentes

estados larvares que ele contrai. Dois sistemas entrelaçados: cristalino-matilha-desejo-corporeidade; orgânico-animais-intenção-indeterminação.

Assim, os dois sistemas e seus respectivos planos devem ser sempre percebidos como um advindo do outro, posto que um neurônio também possui suas hesitações (sua timidez, quietude, depressão), seus complexos molares de indeterminação, ele mesmo formado em cima de uma matilha protoplasmática. Assim como um indivíduo com cérebro também pode fazer parte de um conjunto orgânico no qual ele implica uma pequena linha singular.

O jogo das singularidades e intenções

O que importa é o jogo transversal entre singularidades e intenções, sempre em movimento. O plano material possibilita às consciências devirem outros planos de consciência, ou seja, um plano de determinação é o fundo da variação dos planos de especificação, como a diferença de potencial que precede o raio. Mas, na mesma medida, os planos de especificação “dão vez” a cada imagem hesitar suas ações, lhe permitem o poder da latência, de eventualmente não agir, de selecionar as faces das outras imagens que condicionam suas reações. Dessa maneira, além de existirmos num mundo pluriconsciente, essas consciências não estão isoladas umas das outras, e sim continuam-se umas nas outras. Um sistema preserva a continuidade entre os mundos, enquanto que o outro sistema permite o nascimento, desenvolvimento e a mutação dos mundos – são necessários os dois planos para uma duração fundar-se.

Uma consciência diz respeito ao que se produz de novo num conjunto de imagens, mas na mesma medida em que este corpo é composto por movimentos moleculares que atestam uma ligação contínua (reflexa) entre todas as imagens. A singularidade não está do lado das intenções de um organismo, mas sim em como ele continua fazendo parte de um sistema material. Toda imagem sendo ao mesmo tempo qualquer e privilegiada. Que preserva a graça de ser uma imagem qualquer na mesma medida em que se organiza a partir de interesses quaisquer por ser uma imagem central, privilegiada. Poderíamos então pensar em maneiras singulares de compor interesses? Ou interesses especialmente voltados a faces singulares, a

partículas a-significantes? Seria possível as singularidades, o desejo, serem tomados como objeto de interesse?

Ser uma imagem qualquer implica ser parte de algo maior (*páthos*, sublime, desejo como afeto que sempre nos excede, um devir-Terra), na mesma medida que sermos uma imagem privilegiada nos permite a composição de um cosmos e o poder de nele agir. Qualquer Psicologia eventualmente tratou dos riscos de uma pessoa só se perceber como qualquer ou só se perceber como privilegiada. É nesse sentido que Bergson acusa realistas e materialistas de um certo niilismo que ignora as intencionalidades que compõem os movimentos, e idealistas e espiritualistas de um certo narcisismo que ignora as singularidades que nos afetam e nos excedem, escapando à consciência. O inconsciente (ao menos uma face dele) deve ser lugar da produção de encontros entre os dois sistemas, o material e o orgânico, a matilha e os organismos, o desejo e as intenções, numa relação anárquica, atestando, na mesma medida (e ao mesmo tempo), a possível organicidade de qualquer partícula (de qualquer imagem) e a real materialidade de qualquer corpo. Análise viva no inconsciente, que é transtemporal e transespacial – “transmundos” –, quer dizer produzi-lo na mesma medida que escutá-lo.

Vale notar que nossa noção espacial nasce da consciência, não sendo um fenômeno da matéria, mas sim da percepção da matéria. A dimensão espacial pode ser concebida como um efeito da indeterminabilidade: “à medida que a reação torna-se mais incerta, que dá mais lugar à hesitação, aumenta também a distância na qual se faz sentir sobre o animal a ação do objeto que o interessa” (BERGSON, 2010, p. 29). Um animal percebe sua distância em relação às imagens a partir de sua hesitação diante delas. Aquilo que forma um horizonte são as imagens cujo menor interesse as afasta. Enquanto que a forma dos objetos se dá pelo conjunto por imagens cujo maior interesse as aproxima. Por isso devemos conceber que os animais, ou qualquer imagem quando tomada como privilegiada, também possuem imaginação, pois esta é a maneira que a percepção inicia uma operação de aproximar-se das imagens de interesse sem precisar se haver com as outras, ou seja, formando horizontes absolutos de uma mente selvagem.

A paisagem é produto de um interesse que ignora certas imagens, afastando-as numa dimensão planificada, mesmo que elas ainda podem nos afetar como um

Todo aberto. O *páthos* advém da intromissão de imagens quaisquer que eventualmente assaltam nossa percepção. Por isso uma viagem não necessariamente traz nada de mais novo que qualquer outro dia dentro de casa. O que diz respeito ao novo é a capacidade do corpo de ser afetado por imagens quaisquer (que não fazem parte de meus esquemas sensório-motores). O que percebemos em termos de sublime são as afecções de uma imagem qualquer que nos assalta a atenção proposital. Esta imagem toma de assalto a *presença* que era estatuto dos objetos – estes perdem suas formas para dar lugar a uma transmutação momentânea das formas.

A dimensão espacial não é da ordem da matéria, mas da percepção que se tem dela. ‘No princípio eram só imagens quaisquer...’ seria o “gênesis” bergsoniano – Deleuze coloca que tanto para Bergson quanto para o cinema, num plano de imanência, “é o mundo que se torna sua própria imagem e não uma imagem que se torna o mundo” (DELEUZE, 2018, p. 96). Antes das intenções, os movimentos se anulavam, pois todas as imagens se desejavam e se repudiavam na mesma medida, não havendo espaço para formar uma percepção nem mesmo tempo para compor uma ação. Se bem que faz mais sentido pensar esse tempo como contemporâneo dos mil presentes das intenções e organismos e conjugá-lo como pura virtualidade – quando todas as imagens se desejam e se repudiam na mesma medida, suspendem-se os espaços-tempos, os mundos entram em suspensão. São os esquemas sensório-motores (imagens privilegiadas) que introduzem, a partir dessas aberturas, o “juízo” da percepção espacial, pois que seus centros (cérebros ou almas) medem a importância das imagens a partir de seus interesses e sensações. E são esses interesses que desenham no tempo as ações possíveis (voluntárias) a partir das imagens colhidas (atualizadas) dos movimentos pela percepção. Um objeto de interesse que está longe demanda uma ação que o aproxime, enquanto que uma paisagem disponibiliza uma gama de pretendentes a objetos pelos quais um corpo poderia eventualmente vir a se interessar. Algo que me ameaça demanda uma ação que disso me distancie, que elimine isso de minha percepção efetivamente. “A parte de independência de que um ser vivo dispõe, ou, como diremos, a zona de indeterminação que cerca sua atividade, permite, portanto, *avaliar a priori* a

quantidade e a distância das coisas com as quais ele está em relação” (BERGSON, 2010, p. 29 — *Grifos do autor*).

Para Bergson, uma relação de interesse é a natureza íntima de uma percepção com o objeto percebido (e não a memória que se tem dele) (BERGSON, 2010, p. 29). Perguntar “qual a minha relação com tal objeto?” é perguntar qual a natureza íntima de tal percepção. Nesse sentido, não existem objetos de desejo, mas somente objetos de interesse. São produtos da indeterminação de uma pessoa e não de uma determinabilidade transcendental. Se falo de um objeto atribuindo-o a outra pessoa, estou inferindo meus interesses nos dela, pois uma relação entre sujeito e objeto é sempre a natureza íntima de tal percepção. Qualquer atribuição de objeto relativo a outro sujeito (que não eu) é mera interpretose. Dessa relação, sempre íntima, Bergson afirma que “a amplitude da percepção mede exatamente a indeterminação da ação consecutiva”, e assim, enuncia uma lei: “*a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo*” (BERGSON, 2010, p. 29 — *Grifos do autor*). Se nossa percepção faz nascer os espaços virtuais, o poder de nele agirmos faz nascer os impossíveis tempos presentes. Cada poder de ação implica o nascimento de um presente, o que nos coloca, como seres vivos, num rizoma transtemporal. Há tempo que passa e espaço de deslocamento sempre que houver interesses. Há espaço que se arma virtualmente e tempo a suspender-se sempre que houver hesitação entre ações possíveis. A natureza íntima de uma percepção com seu objeto (uma relação) é sempre um movimento heterogêneo, que se abre a partir de espaços-tempos heterogenéticos.

Mesmo nos seus estratos pré-orgânicos, a matéria é viva, uma matilha de intenções proto-subjetivas. Todas as imagens são vivas nos seus respectivos “desdesempres” – desde que há movimento (duração), imagens-percepção são produzidas (percepção que os atualiza). Tudo pode perceber-se como centro de um sempre virtual e como um início real de todo o resto. Logo, matéria viva não mais em oposição a matéria inanimada, o que nos impõe uma inversão animista, em que apreender um material inanimado só diz respeito à sua face imaginada, objeto de meu interesse. Embora essa face seja real, é a representação de meus interesses que, de uma imagem, capta somente algumas faces. Mas em sua integridade, quando não

encurvada pelo meu centro de consciência, toda matéria é viva, mesmo que isso exceda minha relação pessoal com ela.

A viva análise de Bergson nos deixa supor a ideia de que qualquer nível de relação já é uma consciência, implicando indeterminação, ação e interesses, aproximações e distanciamentos. Nesse sentido, qualquer conjunto de elementos moleculares já presume uma percepção, o que, ou liberta esta do estatuto orgânico, ou estende a organicidade como uma potência imanente a todas as imagens. Um conjunto de imagens pode ser pequeno para mim, mas deve haver uma infinitude de partículas internas a esse conjunto que, a seus modos, percebem diferente, assim como vários conjuntos de imagens das quais sou parcialmente solidário e que me excedem são invisíveis para meu próprio organismo.

Possuir um centro de indeterminação (uma duração, ou movimento) pode ser uma potência de qualquer imagem, quando a percebo pela sua face privilegiada. Vamos então além da concepção de que essa consciência nasce exclusivamente dos movimentos interiores ao homem, sendo este um plano de consciência qualquer, localmente efetivado na substância cerebral em geral (massa cinzenta). O homem é tão natural e eterno quanto qualquer outra ideia atuada e realizada pela matéria.

407

Análise molecular num presente vivo

O que proponho é uma análise num presente vivo, partindo de nossas próprias consciências, de nossas próprias fontes de tempo, mas sentindo-as em suas faces que são engatadas numa série que se desenrola em todos os outros modos de existência, de percepção, de imaginação, de sexualidade, de intenções, de poderes, de microfascismos, etc. A confusão que se faz ao misturar a percepção dos dados imediatos com a memória e lembranças subjetivas, colocando a percepção em função do conhecimento representacional da natureza (inclusive da natureza agenciada em nós mesmos como desejo) produz todo um recalque (esquecimento sensível) de nossa própria materialidade. Nesse caminho, não sabemos nada sobre nada. Colocamos tudo a perder por um plano de contração (previsão e controle) total da alteridade. Precisamos involuir rumo a um ponto que Bergson (2010, p. 56), evoca, em que “percepção e movimento confundem-se aqui numa propriedade que

é a contratilidade”, ou seja, que a percepção do outro representado dê lugar às imagens-movimento – que o interesse seja de contrair novos ângulos de visão e não outros corpos por um mesmo ângulo, dando espaço a novas corporeidades que nos distendem das antigas. Que a psicanálise se abra a uma “fármaco-análise”, no sentido de, como uma droga, dar maior fineza à percepção (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 82). É como Deleuze e Guattari dizem, as drogas concernem primeiro ao movimento, “olhar apenas os movimentos” (2012, p. 80), em suas heterogêneses, no “momento em que desejo e percepção se confundem” (2012, p. 81). Uma análise viva busca o mesmo que um agenciamento Droga: que o imperceptível seja percebido; que a percepção seja molecular; que o desejo invista diretamente a percepção e o percebido (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 80). Drogar-se, assim como fazer análise, nunca foi sobre prazer, infelicidade, dificuldade de comunicação, etc., mas sim de seguir um ponto onde percepção e desejo coincidem, em que podem ser sintetizados, modificados, agenciados. Mas a análise pode ainda superar uma limitação da droga, de nunca traçar o plano que condiciona seu exercício (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 83). Não devemos nos contentar em imitar um plano de imanência, como se dá no sempre recomeçado ensaio através do uso das drogas (“partir do zero a cada vez”), pois por mais que elas nos façam seguir movimentos incríveis, eles rapidamente se dissipam, as desterritorializações permanecendo relativas (*chacing the dragon*) – “as linhas de fuga põem-se a rodopiar em buracos negros”, “caindo mais no buraco que no barato” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 83). Desse modo, o movimento, “como causalidade imanente do desejo, molecular e perceptiva, fracassa no agenciamento-droga” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 84). Os autores propõem descobrir pela droga o que falta à droga para construir um plano de consistência. Aí, então, análise vista como droga, mas que serve a embriagar-se como que de água pura, que se consiga drogar-se por abstenção (que a análise efetivamente sacie o analisando de analisar-se). Quando escrevem: “não é a droga que segura a imanência, é a imanência da droga que permite ficar sem ela” (2012, p. 85) podemos ler: não é a análise que segura a imanência, é a imanência da análise que permite ficar sem ela. Analisar, perceber, como Bergson coloca, é nada mais que uma capacidade seletiva, a “necessidade de escolher, de selecionar a boa molécula” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 85), a boa imagem qualquer. Uma

análise que, depois de abrir a consciência a novas imagens quaisquer, produza também sua própria saciedade (sua própria fadiga), instaurando um plano de imanência, como num sutil orgasmo de saciedade cósmica.

As interpretações tendem a fazer funcionar algo como que o contrário: uma análise transcendente nos impede de ficar sem ela. É que um agenciamento não comporta uma causalidade geral ou externa, mas sim uma linha abstrata de causalidade específica ou criadora, sua linha de fuga, “que só pode efetuar-se em relação com causalidades gerais ou de uma outra natureza, mas que não se explica absolutamente por elas” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 82). O desejo é da ordem do imanente, é a determinação do singular, da molécula sem qualidades. Por isso drogar-se de análises ao invés de vesti-las como pesadas armaduras. Que seus efeitos sejam passageiros como instauradores de processos finitos, num Todo aberto – abertura de um páthos. Uma psicologia cerebral (da matéria) em oposição a uma psicologia do espírito (mental). Perceber de modo que palavras e ações sejam coisas, que produzam choques moleculares, químicos, e que seus respectivos interesses se tornem criadores, maquínicos e não mecânicos, passando a coincidir com o próprio desejo.

Esse ponto “lisérgico” em que o singular e o indeterminado (o desejo e as intenções) coincidem, não diz respeito a uma percepção alterada, mas àquela que não para de, voluntariamente, se alterar. Esse ponto nos revela que os planos de consciência são desdobramentos do plano material, o que faz do monismo um pluralismo, em que uma linha liga todos os organismos em série, sendo cada animal um capítulo qualquer da embaralhada vida de uma “bicha-Terra”. Nesse sentido, o efeito de tal análise não modifica uma mesma consciência (processo de reterritorialização), mas faz saltar de um plano a outro de modo a colocar a consciência em variação contínua. Ou seja, mais próximo de um devir-animal, no sentido de ser apossada por uma zona de vizinhança, compondo uma linha que passa sempre por entre os planos de consciência. Aquilo que, de maneira frustrada, buscamos nas drogas (mesmo o cafezinho da manhã) mas que, de fato, encontramos numa viva análise é um devir-animal. E Bergson mostra que o molecular é o animal, pois o molecular já compõe indeterminações (intervalos) elementares.

Uma análise viva é aquela que faz a consciência despertar de seu sono representacional ao envolver numa série, num devir-animal qualquer (animal = face orgânica da matéria), percebendo-se então “como que pendente em sonhos sobre o dorso de um tigre” (NIETZSCHE, 1987a, p. 32), pois que a partir dessa percepção humana, naturalizada humana que nos é historicamente imposta, nos “está vedado travar uma luta pela existência com chifres ou presas aguçadas” (NIETZSCHE, 1987a, p. 31). Bergson sugere um bom exercício para recuperarmos a percepção na matéria: simplificar ao máximo as condições em que a percepção consciente se realiza. Primeiro, devemos, o máximo que pudermos, “desmisturar” os dados imediatos das lembranças. As lembranças são o que faz endurecer a intencionalidade de nossas percepções. Nossa percepção é totalmente penetrada de nosso passado. Se nos esforçarmos em uma percepção mais encerrada no presente, a consciência não pode mais ser distinguida daquilo que ela percebe. Ela passa a ser um esquema sensório-motor que engloba tanto as imagens exteriores e seus movimentos, quanto os elementos moleculares internos e seus movimentos. Em segundo, é preciso levar em conta que, por mais breve que seja, uma percepção sempre já ocupa uma certa duração, o que muito rapidamente exige “um esforço da memória, que prolonga, uns nos outros, uma pluralidade de momentos” (BERGSON, 2010, p. 31). Na velocidade dos relâmpagos, um desejo surge instantâneo, como uma invisível diferença de potencial, e só depois, muito rapidamente, é acompanhada pela trajetória dos interesses como um feixe de raio. A memória, sob duas formas (enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata; e enquanto contrai uma multiplicidade de momentos) é o motivo pelo qual tomamos nossa consciência como individual, ela forma o lado individual de nosso conhecimento das coisas. Ao deixarmos de lado essa contribuição da memória individual, podemos entrar em contato com a percepção em estado puro, quando ela mais coincide com o desejo, ao mesmo tempo que passa através de uma linha de consciência contínua a toda a matéria.

É certo que essa percepção pura existe para nós mais de direito do que de fato, pois somos constantemente invadidos por nossas memórias, ainda mais como seres de memórias longuíssimas quando nos comparamos até mesmo a outros animais de grande córtex, característica inclusive que acompanha a maioria das psicopatologias

neuróticas, nossa velha dificuldade de esquecer: “é possível viver quase sem lembrança, e mesmo viver feliz, como mostra o animal; mas é inteiramente impossível sem esquecimento” (NIETZSCHE, 1987b, p. 22). Assim, é preciso um esforço para recuperar a alegria animal, obtendo uma percepção quase sem interferências da memória, “aquela que teria um ser situado onde estou, vivendo como eu vivo, mas absorvido no presente, e capaz, pela eliminação da memória sob todas as suas formas, de obter da matéria uma visão ao mesmo tempo imediata e instantânea” (BERGSON, 2010, p. 32).

Para Bergson, esse esforço “nos dá a distância entre a matéria e a percepção da matéria que é justamente a medida entre sua presença e sua representação.” (2010, p. 32). Em que consiste essa distância? O autor descarta a hipótese de haver “algo a mais” na percepção da matéria que em sua presença. Que não se acrescenta nada à matéria ao percebê-la, ou ao representá-la. Se este fosse o caso, a passagem da matéria à representação seria sempre um mistério. Mas, se passarmos de um a outro mediante uma diminuição, “a representação de uma imagem é menos que sua simples presença” (BERGSON, 2010, p. 33), tomando um objeto qualquer como uma representação isolada de uma parte do conjunto das imagens. Essa imagem isolada ainda possui uma face que permanece solidária à totalidade das imagens, “continua-se nas que a seguem, assim como prolongava aquelas que a precedem” (BERGSON, 2010, p. 33), o que continua nos afetando em termos de desejo. Para transformá-la em representação, em objetos de interesse, suprimo aquelas que as seguem e as que a precedem, e o que as preenche, “não conservando mais do que sua crosta exterior, sua película superficial” (BERGSON, 2010, p. 33).

Mas o conjunto de imagens que reduzo em representação nunca se submete totalmente à minha consciência, sempre havendo uma imensa parte dele que foge aos crivos de minha representação. Minha representação é a face que me interessa dessa imagem. É uma parte real dela, mas desconectada e desimplicada do movimento heterogêneo que a individua. Mas o que as diferem é também o que por uma outra face as conectam. A necessidade da imagem presente em ser “um caminho por onde passam em todos os sentidos as modificações que se propagam na imensidão do universo” (BERGSON, 2010, p. 33) a faz resistir à representação refletida pelo meu interesse, este, relativo a meus centros de indeterminação. Há

sempre uma invisível face da imagem presente que resiste em ser dobrada pela imagem privilegiada que chamo de meu corpo. Essa face diz respeito ao desejo, por isso é comum darem-se as paralisias de nossas intenções. Todo sintoma é uma revanche, uma maneira de resistir do desejo sobre as intenções. Quando procrastino, há um motim da matilha de meus eus larvares em relação àquela intenção que demanda a exclusividade de minhas ações. As imagens presentes por trás do que represento como meu corpo, este marcado como objeto de meus interesses, estão sempre num tipo de resistência a serem destacadas de seu *continuum* solidário às outras imagens quaisquer. Resistência, das imagens quaisquer que me povoam, em desalinham-se de “um caminho por onde passam em todos os sentidos as modificações que se propagam na imensidão do universo”. Repito essa frase, pois todo este exercício a orbita. As dores, as histerias, as obsessões, os delírios, a fadiga, a procrastinação, os prazeres inesperados, as sensações (ora tímidas, ora nem tanto) são insurgências de eus larvares que me povoam. Elas devem ser analisadas por mim assim como o grito de uma pessoa qualquer deve ser ouvido como dor sentida por toda humanidade. Os sintomas são rebeliões elementares que devem ser ouvidas por um plano de consciência diplomático – “são como pássaros que vêm bater seu bico na janela” (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 269). A interpretação, nesse sentido, é um plano despótico de tratamento dos sintomas, pois nunca é com eles que ela fala, nunca é pelos gritos que uma interpretação se faz, mas sobre eles, silenciando-os com historietas conjugais, com filmes ruins. Precisamos reaprender a falar com os uivantes animais que nos povoam, deixá-los, a partir de suas intenções moleculares e maior proximidade com a linha do desejo, sequestrar a língua, fazendo-a gaguejar uma ação possível – captar de cada sintoma seu discreto charme.

Conclusão

Converto meu corpo em representação, em objeto, quando o reduzo a um invólucro, a uma gaiola. Mas essa representação é neutralizada no momento em que passo ao ato, pela necessidade (desejo) de prolongar-se em outras coisas, ou de me desfazer-se delas. É quando “a vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal e,

contudo, singular, que resgata um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade daquilo que ocorre” (DELEUZE, 2016, p. 410). Além disso, me deparo com uma pluriconsciência virtual (de direito) que povoa a matéria de todos meus objetos de interesse, inclusive meu próprio corpo, pois a outra face dessas imagens que me povoam compõe seus próprios organismos, seus próprios juízos e faculdades, e suas próprias matilhas de interesses “quânticos” com os quais esses “proto-organismos” têm de se haver. O direito molecular de ser uma imagem privilegiada também é o que em nós resiste a nos reduzirmos totalmente às representações de outras imagens privilegiadas, de outros corpos que nos percebem, nos capturam e nos excretam como sua eventual substância. Dupla resistência de um duplo sistema: de um corpo sem órgãos real e desejante e de eus larvares com suas diferentes intencionalidades – sempre haverá um plano de imanência que resiste às organizações que ameaçam sua continuidade, e sempre haverá pequenos organismos, “mini-animais”, eus larvares anarquistas, que recusam a ordem fascista de um eu nacionalista. Meu corpo insurge, ao mesmo tempo, como Terra e como cidade, como um deserto e como uma matilha, num devir-imperceptível que chamo de desejo e num devir-molecular de plurívocas intenções que me povoam. E a própria Terra insurge, como plano de imanência e como bicha-Terra, duplamente, contra as ordens que se proclamam transcendentais e/ou eternas. O homem, como plano de consciência, é eterno como qualquer outro; mas como devir, deve ser passageiro como qualquer outro também o é, para dar espaços a novos planos. Essas linhas de insurgência são experimentadas, respectivamente, como: a) criar, para si, um corpo sem órgãos, negando as transcendências dos significantes; e b) seguir, em si, a linha de fuga de um animal abstrato, esquivando-se de suas paralisias sedentárias e suas diversas redundâncias, de falsos movimentos e de movimentos em falso – linha traçada pelo trajeto de uma animalidade do universo, da qual nossos eus são como peles que se descascam pelas suas veredas.

O problema não são as consciências, mas os organismos que se redundam pelas suas representações, nas memórias demasiadamente longas a ponto de se desprenderem de uma linha abstrata que a outras consciências lhe avizinham.

Referências

BERGSON, E. *Matéria e Memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradutor: P. Novaes. 4. ed. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DELEUZE, G. *Dois regimes de loucos*: textos e entrevistas (1975-1995). Tradutor: G. Ivo. São Paulo, SP: Editora 34, 2016. (Coleção TRANS).

DELEUZE, G. *Cinema 1*: A imagem-movimento. Tradutor: S. Senra. São Paulo, SP: Editora 34, 2018. (Coleção TRANS).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs, Vol. 4*. Tradutor: S. Rolnik. São Paulo, SP: Editora 34, 2012. (Coleção TRANS).

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 7ª edição revisitada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas, vol. 1*. Tradutor: R. R. E. Filho. São Paulo, Nova Cultural, 1987a. (Coleção Os Pensadores)

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas, vol. 2*. Tradutor: R. R. E. Filho. São Paulo, Nova Cultural, 1987b. (Coleção Os Pensadores)